1 Introdução

“Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

(Freire, 1998: 32)

A escola, principalmente a pública, sempre fez parte da minha história. Passei pelo âmbito municipal, estadual e federal como aluna e professora em diferentes níveis. Presenciei (e quase compartilhei) tanto o choro do primeiro dia de "aula" de alunos na educação Infantil quanto o de orientandos felizes após defenderem suas monografias em cursos de pós-graduação. Nascida e criada na Baixada Fluminense, em uma família numerosa, sofri restrições, mas não necessidades materiais severas. Meu destino, porém, foi determinado, em grande parte, pelo fato de meu pai, mecânico, e minha mãe, dona de casa, apesar de mal dominarem as letras e números, ou talvez justamente por esse motivo, terem priorizado a escola, a educação formal, em minha vida e de meus irmãos.

Ingressei ainda menina-moça, aos 13 anos de idade, no antigo segundo grau em Formação de Professores da Escola Normal Carmela Dutra, em Madureira, após o veredicto de meu pai, o "Seu" Russo, mecânico aposentado:

— Pobre não tem vocação, tem falta de opção!

Isto “determinou” minha ida para o magistério e a de meus três irmãos para a Aeronáutica, convencidos da importância de ter empregos seguros. Entretanto, o que era falta de opção acabou revelando-se vocação. Pelo menos para mim.

Sou professora e co-autora de livros didáticos de Ciências e Biologia do Ensino Fundamental e Médio. Também atuo como professora formadora, lecionando Metodologia do Ensino das Ciências para estudantes de Pedagogia. Ao longo de minha carreira na Educação Básica, tive a oportunidade de ver diversos ex-alunos ingressando em programas de pós-graduação e participando de pesquisas em Ciências Naturais. De muitos ouvi a carinhosa frase: Foi por sua causa! Ao mesmo tempo em que ficava feliz e orgulhosa pelo novo colega de área, sentia-me particularmente incomodada e instigada a investigar até que ponto e de que modo, nós professores de Ciências influenciemos nossos alunos a adotarem uma prática de olhar o mundo com curiosidade, buscando respostas a

inquietações, de tal forma que se sintam impelidos para a profissão de cientistas. O quanto nossa prática docente abre efetivamente espaço na sala de aula para a pergunta e a busca? Em que medida inibimos ou estimulamos a investigação na escola com nossas falas e práticas, nos currículos que construímos e vivemos? Por que e quando promover a iniciação científica na escola básica? Como evitar as amarras do determinismo biológico que existe por trás da concepção de vocação científica em grande parte dos educadores? Por que em um mesmo espaço de trabalho, alguns professores de Ciências privilegiam as perguntas no lugar de respostas prontas enquanto outros não ultrapassam limites da aula expositiva? Na falta de laboratórios e outros recursos tradicionalmente associados à pesquisa em Ciências, que possibilidades podem existir em nosso cotidiano na escola? O que pensa o cientista sobre a formação e prática dos professores de Ciências?

No âmbito dessa complexa discussão, optei por fazer minha pesquisa sob um recorte que, acredito, possa trazer novos subsídios ao campo de formação e prática de professores de Ciências. Investiguei em que medida e de que modo a prática de professores de Ciências da Educação Básica influenciou cientistas em sua opção profissional.

Dada a natureza polissêmica do conceito de vocação, vale esclarecer que apesar de graduada em Biologia, não foi meu objetivo investigar no recorte que fiz, se existem ou não componentes biológicos tais como aptidões ou dons “natos” que possam predispor os indivíduos a esta ou aquela atividade profissional. De fato, como professora, interessa-me justamente a influência do meio, dos sujeitos e suas interações sobre os indivíduos e não um improvável determinismo biológico voltado para a atividade científica.

Assim, para tentar responder a essa questão - **como aprendeu Ciências na Educação Básica quem hoje produz Ciência?** - busquei identificar junto a cientistas, pesquisadores da área de Ciências Naturais¹ em atividade, quais fatores consideram decisivos e marcantes em sua trajetória escolar como alunos de Ciências, principalmente aqueles relacionados ao papel² os seus professores de

1Neste estudo o termo Ciências Naturais é usado como sinônimo de Ciências da Natureza, nomenclatura utilizada pelo Ministério da Educação nos documentos referentes ao Ensino Médio para a área que inclui Biologia, Química e Física.

2Aqui a noção de papel é concebida como um conjunto de idéias associadas a um determinado *status* social, assim como determinado padrão de comportamento esperado e exigido socialmente por conta de certa condição.

então, em sua opção profissional pela pesquisa científica. Através da evocação das lembranças, dos relatos da vivência desses cientistas, procurei detectar o papel representado por seus antigos professores de Ciências. Os relatos dessas memórias trouxeram pistas que apontam como alguns dos entrevistados decidiram se tornar cientistas na área de Ciências Naturais “por causa de” ou “apesar de” algum (ns) de seus professores de Ciências.

Esclareço que neste estudo mobilizei ferramentas cognitivas, experiências, impressões, concepções, crenças, representações, expectativas, valores, certezas e incertezas que compõem minha identidade de professora de biologia - bióloga. Assim, assumo explicitamente as implicações que esta identidade trouxe às minhas análises e ao meu discurso, sempre na primeira pessoa e entremeado por depoimentos pessoais. Além disso, sem querer comprometer o rigor esperado de uma pesquisa, gostaria de registrar a emoção com que vivenciei cada etapa, principalmente o momento em que os cientistas compartilharam comigo suas memórias.